

APRESENTAÇÃO

A ARTE NAS TRINCHEIRAS / NAS TRINCHEIRAS DA ARTE

Nos 100 anos da Primeira Grande Guerra

As guerras são fenómenos omnipresentes na história da humanidade. Determinaram políticas, condicionaram definitivamente as vidas de milhares e milhares de indivíduos, ao mesmo tempo que estiveram associadas a muitos, e por vezes insuspeitados, avanços técnicos, quando não mesmo a algumas mudanças civilizacionais. Natural é, pois, que as guerras façam também parte da literatura e das artes, não só sob a forma de contexto extra-literário mas também como problema estrutural e detonador de sentidos.

Cabendo à narrativa da História o estudo de todo o acervo documental relativo à miríade de acções e intervenções tanto no campo das batalhas, como nos bastidores dos poderes que as manobram, às diferentes artes, onde se inclui naturalmente a literatura, interessa sobretudo apelar a experiências directas ou evocar certos documentos, no sentido de questionar a própria realidade dos factos e/ou da memória que deles se guardam. A partir da perspectiva individualizada e mediante uma metamorfose criativa, que procura revelar ou fazer emergir sentidos vários, as representações literárias e artísticas concorrem para a exploração ininterrupta das causas e das consequências das guerras que, na realidade, nunca começam e tão-pouco acabam nas datas fixas que oficialmente as balizam.

Assim, os escritores, tal como outros artistas, concentram-se nos processos de subjectivização da guerra, nos sofrimentos individuais, nos sentimentos de euforia, ódio, compaixão, desalento ou absurdo, relativamente àqueles que a fronteira de um trincheira, real ou imaginária, determina à partida como inimigo a abater ou como aliado a socorrer...

O conjunto de ensaios que aqui se apresenta resultam do intuito de associar o trabalho de reflexão interdisciplinar do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa à efeméride da passagem do primeiro centenário da Primeira Guerra Mundial. Para lá das questões de natureza estritamente histórico-política, e ainda que fosse natural privilegiar o debate em torno da participação de Portugal na Primeira Grande Guerra, a nossa condição de I&D de Literatura Comparada, associada ao próprio modo de funcionamento de uma Guerra Mundial, fez com que se tivesse incidido sobre os vários campos artísticos, com destaque para a Literatura, e que fossem considerados, além de autores portugueses, outros intervenientes e ângulos de análise, incluindo, no caso concreto, escritores de expressão alemã, francesa e inglesa, com textos escritos tanto durante a Guerra ou no seu rescaldo, como muito tempo depois, em modo de revisitação memorial.

Começando por referir aquelas leituras que visam cruzar olhares oriundos de universos linguísticos e culturais, destaca-se Manfred Schmeling que, em *De la Weltliteratur en temps de guerre et de crise: Thomas Mann et Romain Rolland, un maillage international*, aponta para duas mundividências bem distintas, desenvolvidas durante o próprio conflito, e envolvendo dois autores centrais da literatura europeia que continuaram a trocar correspondência entre si, se bem que as respectivas nações lutassem em trincheiras opostas... Trata-se de Thomas Mann e Romain Rolland que participaram com os seus escritos no pensar dos acontecimentos, tendo o autor de *A Montanha Mágica* chegado a defender um cosmopolitismo impregnado de nacionalismo. Partindo de um conhecido poema de Bertolt Brecht, que a leitura de Maria Antónia Teixeira mais adiante também revisita, Ana Isabel Boura desenvolve uma contextualizada leitura analítico-interpretiva da figura do soldado em *Morto em combate: a figura do soldado em 'Legende vom toten Soldaten', de Bertolt Brecht e 'O menino de sua mãe', de Fernando Pessoa*, evidenciando o diálogo estético-literário que entre ambos se estabelece e a problematização histórico-cultural que sustentam. Já Ana Paula Coutinho elege duas obras separadas não só pelo respectivo contexto linguístico-cultural, mas também por um século de distância, a saber: *A malta das trincheiras*, um conjunto de crónicas publicadas em livro em 1918 pelo escritor

português, André Brun, e 14, um romance do escritor francês, Jean Echenoz, publicado em 2012. Realçando modalidades e efeitos quer do humor na relação com o testemunho, quer da auto-ironia na evocação do passado, a referida ensaísta procura interrogar o sentido da memória cristalizada no acto comemorativo.

No domínio da literatura portuguesa, Francisco Miguel Araújo analisa o impacto que os eventos tiveram nas publicações do grupo da Renascença Portuguesa; a partir de uma leitura do poema «Os jogadores de xadrez», do heterónimo Ricardo Reis; Joana Matos Frias reflecte sobre os diferentes modos de aparição do motivo da guerra na obra pessoana, ao passo que Pedro Eiras se concentra fundamentalmente num epitexto de Mário de Sá-Carneiro, onde o autor de «Manucure» procura escandalizar o seu interlocutor mediante algumas estratégias retóricas que provocam o questionamento das fronteiras e do vínculo entre a ética e a estética. Nesses mesmos anos, Florbela Espanca comporia a sua primeira obra, *Trocando Olhares*, objecto de estudo do ensaio de Vivian Leme Furlan, que visa chamar a atenção para o carácter patriótico de algumas das composições do livro. Ainda no âmbito da Literatura em língua portuguesa, o ensaio de Jorge Valentim procede a um outro enquadramento cronológico, mediante uma leitura crítica do romance histórico *Sud Express*, de Rui de Brito, vindo a lume em 1999, em que a ficção se constrói em torno dos eventos que, em Portugal, marcaram política e historicamente a segunda metade do século passado.

Do lado da literatura de expressão alemã, António Sousa Ribeiro, além de explorar os aspectos do clima intelectual da época que espoletaram um rápido consenso belicista, analisa as perspectivas antibelicistas decorrentes da obra satírica de Karl Kraus, enquanto Teresa Martins de Oliveira se detém no estudo de algumas alterações no tratamento da guerra e do anti-semitismo ao longo do conflito, tomando como ponto de partida *Dois textos poéticos sobre o episódio da “Contagem dos judeus”* [introduzir aqui quais...], Gerd Hammer também analisa o trajecto de um escritor de origem judaica - Ernst Toller - que passou de uma posição entusiasticamente belicista para um pacifismo arreigado nos ideais de socialismo libertário e revolucionário.

Novamente do lado das trincheiras dos Aliados, Vita Fortunati desenvolvem um estudo contextual da “contra-memória” representada pela voz feminina sobre a Guerra e, apoiadas nalguns casos concretos (Vera Brittain, Cecily Hamilton e Mary Borden), realçam a importância da mulher escritora na definição de novos paradigmas sociais, enquanto Marta Correia se concentra no “caso canónico” de Virginia Woolf para mostrar como nos seus romances *Jacob’s Room* e *Mrs Dalloway*, apesar de não serem evocadas cenas sangrentas do conflito, se denota uma grande apreensão pelas consequências, tanto naqueles que pereciam nos campos de batalha como nos que regressavam feridos, física e/ou mentalmente.

Entretanto, do outro lado do Atlântico, a Guerra deixava também marcas indeléveis nos soldados afro-americanos que cedo veriam goradas as suas expectativas de ascensão através da farda, tal como expõe o estudo de Teresa Botelho em *“If We Must Die”: Writing the African American Double Battle in WWI”*, convocando a propósito os romances *Not only War* (1932), de Victor Daily, e *Home to Harlem*, de Claude McKay. Rosa Mesquita, por sua vez, elege o conhecido *Adeus às Armas*, de E. Hemingway para explorar a temática amorosa na vida das trincheiras, concebida através do prisma daquele que veio para a Europa e foi simultaneamente uma testemunha directa dos cenários do conflito (ao volante de uma ambulância da Cruz Vermelha), mas que nem por isso deixou de se confrontar também com os problemas intrínsecos da representação literária como comprovam, por exemplo, os 47 finais por que passou até se decidir pela derradeira forma.

A vertente francófona encontra-se aqui ainda representada pela análise que Daniel Aranda desenvolve das representações da violência bélica na literatura francesa publicada durante a Guerra e que tinham uma finalidade claramente propagandística, bem assim como pela leitura de José Domingues de Almeida sobre o romance *Derrière la colline*, publicado em 2000, pelo escritor belga Xavier Hanotte, e que se apresenta como modo de perpetuação da memória de um período que seria também obviamente trágico para a história da Bélgica.

O tempo da Primeira Guerra foi, naturalmente, interartístico, e dessa pulsão dão conta vários dos estudos reunidos neste volume. Em *To Suffragettes. A Word of Advice. Only*

Leave Works of Art Alone!’ Blast, Gender and ‘Art under Attack’, Ana Gabriela Macedo debruça-se sobre o ataque que Mary Richardson inflingiu ao quadro *Rokeby Venus*, de Velázquez, em março de 1914, no que teria sido o primeiro acto determinante das *Guerilla Girls* no século 20, aqui equacionado num diálogo com outras actividades artísticas na época, e integrado em movimentos como o Vorticismo. É também no âmbito do Vorticismo que se situa a reflexão de Manuela Veloso, que em *Wyndham Lewis - ‘War’ as a new subject-matter for Art*, apresenta a visão de Wyndham Lewis, autor que não deixou nunca de utilizar a sátira para veicular os seus pontos de vista dentro daquela corrente estética, procurando focar o conceito da universalidade do homem.

Por seu turno, concentrando-se no cinema, Fernando Guerreiro leva a cabo uma problematização da expressão cinematográfica da guerra por Abel Gance, em ‘*J’Accuse’ de Abel Gance, duas vezes: 1919 e 1938.- Épico e Melodrama*, enquanto Em *Arte que veio das trincheiras: silêncio ensurdecador e memória eternizada*, Rui Miguel Araújo procura pensar em conjunto a obra de dois artistas plásticos, o português Adriano de Sousa e o inglês Stanley Spencer, dois *artistas de guerra* que procuraram modos e modalidades distintos mas afins de representação visual da memória e do trauma. Por fim, cruzando estrategicamente a expressão plástica com a pragmática, Luís R. Guerreiro analisa as diferentes estratégias de propaganda d’A Grande Guerra a partir da arte dos cartazes da época, levando a cabo uma ponderação das estratégias retóricas de convencimento das populações por meio desses dispositivos.

De uma Guerra se pode dizer que nunca acaba, mesmo quando se trata de uma Guerra ocorrida há cem anos. Que as reflexões que aqui se publicam contribuam para o não esquecimento e para a preservação do diálogo crítico, talvez o antídoto mais perene de todo conflito.

Ana Paula Coutinho

Gonçalo Vilas-Boas

Joana Matos Frias